



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 11/10/2019 a 17/10/2019

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

| | GRÃO SOJA (US\$/bushel) | FARELO SOJA (US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA (cents/libra peso) | TRIGO (US\$/bushel) | MILHO (US\$/bushel) |
|-------------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| 11/10/2019 | 9,36 | 306,90 | 29,83 | 5,08 | 3,97 |
| 14/10/2019 | 9,40 | 306,00 | 29,90 | 5,11 | 3,97 |
| 15/10/2019 | 9,34 | 307,80 | 30,39 | 5,07 | 3,93 |
| 16/10/2019 | 9,28 | 304,80 | 30,40 | 5,13 | 3,91 |
| 17/10/2019 | 9,31 | 306,80 | 30,39 | 5,25 | 3,94 |
| Média | 9,34 | 306,46 | 30,18 | 5,13 | 3,94 |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

| SOJA | Média* | Var. % relação valor anterior |
|----------------------|---------------|--------------------------------------|
| RS - Passo Fundo | 86,13 | 2,41 |
| RS - Santa Rosa | 85,75 | 2,27 |
| RS - Ijuí | 85,75 | 2,27 |
| PR - Cascavel | 84,81 | 2,25 |
| MT - Rondonópolis | 82,25 | 3,13 |
| MS - Ponta Porã | 82,88 | 3,46 |
| GO - Rio Verde (CIF) | 81,88 | 2,09 |
| BA - Barreiras (CIF) | 80,38 | 2,00 |
| MILHO | | |
| Argentina (FOB)** | 155,75 | 2,20 |
| Paraguai (FOB)** | 120,00 | 0,00 |
| Paraguai (CIF)** | 160,00 | 0,00 |
| RS - Erechim | 42,00 | 1,20 |
| SC - Chapecó | 41,00 | 2,35 |
| PR - Cascavel | 36,63 | 0,34 |
| PR - Maringá | 36,75 | 2,08 |
| MT - Rondonópolis | 30,38 | 2,27 |
| MS - Dourados | 32,38 | 1,49 |
| SP - Mogiana | 40,75 | 3,95 |
| SP - Campinas (CIF) | 43,25 | 2,98 |
| GO - Goiânia | 34,56 | 0,91 |
| MG - Uberlândia | 39,19 | 0,48 |
| TRIGO (***) | | |
| RS - Carazinho | 720,00 | -0,55 |
| RS - Santa Rosa | 720,00 | -0,55 |
| PR - Maringá | 860,00 | 0,00 |
| PR - Cascavel | 850,00 | 0,00 |

Período: 17/10/2019

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 17/10/2019

| Produto | milho (saco 60 Kg) | soja (saco 60 Kg) | trigo (saco 60 Kg) |
|------------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| R\$ | 33,36 | 78,45 | 38,96 |

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 17/10/2019

| Produto | |
|--|--------|
| Arroz em casca (saco 50 Kg) | 44,93 |
| Feijão (saco 60 Kg) | 142,50 |
| Sorgo (saco 60 Kg) | 27,23 |
| Suíno tipo carne (Kg vivo) | 3,61 |
| Leite (litro) cota-consumo (valor líquido) | 1,26** |
| Boi gordo (Kg vivo)* | 5,12 |

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Setembro - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, após baterem nos melhores níveis desde o final de janeiro passado (o primeiro mês fechou o dia 14/10 em US\$ 9,40/bushel), acabaram cedendo no restante da semana, fechando a quinta-feira (17) em US\$ 9,31/bushel, contra US\$ 9,23 uma semana antes.

O movimento altista inicial se deu pela certa euforia com o acordo parcial entre EUA e China, após as reuniões dos dias 10 e 11 de outubro. Igualmente, a confirmação de uma safra menor nos EUA, conforme o relatório do USDA do dia 10/10, alimentou a tendência.

Entretanto, com o passar dos dias o mercado realizou ajustes técnicos, com vendas de posições compradas. Ajudou para isso o fato de que os operadores se deram conta de que o acordo sino-estadunidense, por enquanto, é apenas parcial, não surgindo grandes novidades a respeito durante o restante da semana. Além disso, se um acordo final for firmado nas bases deste acordo parcial, a manutenção das tarifas até aqui existentes tende a se confirmar. O que o acordo parcial permitiu é que não haja, por enquanto, novos aumentos destas tarifas, como cogitava os EUA, além de obrigar a China a importar mais produtos estadunidenses, especialmente na área agropecuária. Portanto, estamos diante de um “miniacordo” como o mercado vem definindo. Insuficiente para dar sustentação às cotações em Chicago. Afora isso, um acordo parcial desta forma não melhora o quadro em favor do crescimento mundial, apenas impede que o mesmo piore no curto prazo.

Em paralelo, o mercado assistiu a sinais de queda na demanda chinesa por soja, ainda sob efeito da peste suína africana. O rebanho suinícola chinês teria caído em 41,1% em setembro deste ano, em comparação a setembro de 2018. Entretanto, o recuo em Chicago não foi maior porque a safra estadunidense será bem menor neste ano, devido a problemas climáticos já conhecidos.

A esse respeito, as condições das lavouras estadunidenses melhoraram nesta segunda semana de outubro. Segundo o USDA, até o dia 13/10 a área colhida chegava a 26% do total, contra a média de 49% para esta época do ano. Mesmo assim, o percentual anunciado ficou acima do que o mercado esperava. As lavouras a serem colhidas, até a data em questão, apresentavam 54% em condições entre boas a excelentes, 32% regulares e 14% entre ruins a muito ruins. Houve aumento de um ponto percentual nas lavouras boas a excelentes em comparação à semana anterior, e dois pontos acima do que o mercado esperava.

Por sua vez, o esmagamento de soja nos EUA, segundo a Associação Norte-Americana dos Processadores (NOPA), atingiu a 4,15 milhões de toneladas em setembro, contra 4,57 milhões em agosto deste ano e 4,37 milhões em setembro de 2018.

Por outro lado, as inspeções de exportação de soja por parte dos EUA, na semana encerrada em 10/10, atingiram a 954.881 toneladas, ficando um pouco abaixo das expectativas do mercado. Com isso, no acumulado do ano comercial atual, iniciado em

1º de setembro, o volume chega a 5,16 milhões de toneladas, contra 4,8 milhões em igual momento do ano anterior.

Já no Brasil, os preços se mantiveram firmes e com viés de alta, puxados por Chicago e, principalmente, pelo câmbio, o qual voltou a bater em R\$ 4,16 nesta semana. Assim, os efeitos de prêmios mais baixos nos portos brasileiros foram, em boa parte, absorvidos pelas outras duas variáveis formadoras do preço. Neste sentido, os prêmios nos portos brasileiros giraram entre US\$ 0,60 e US\$ 0,95/bushel.

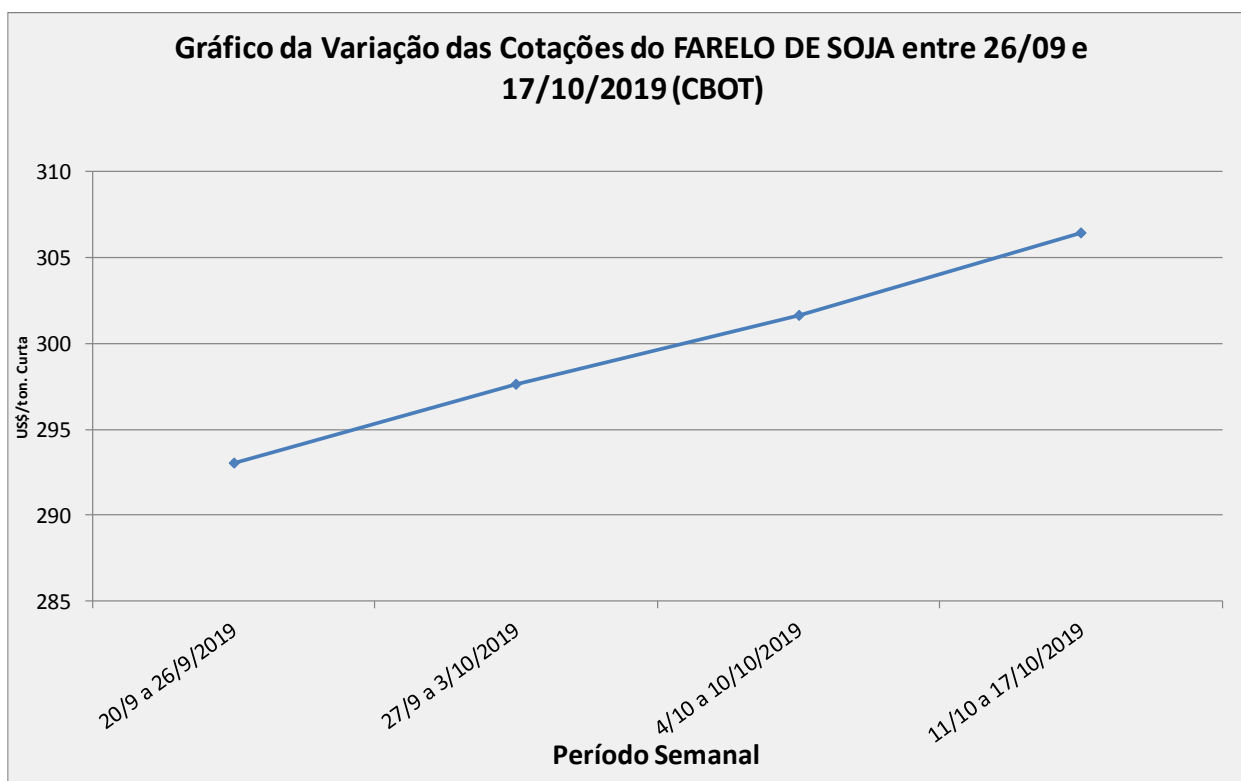
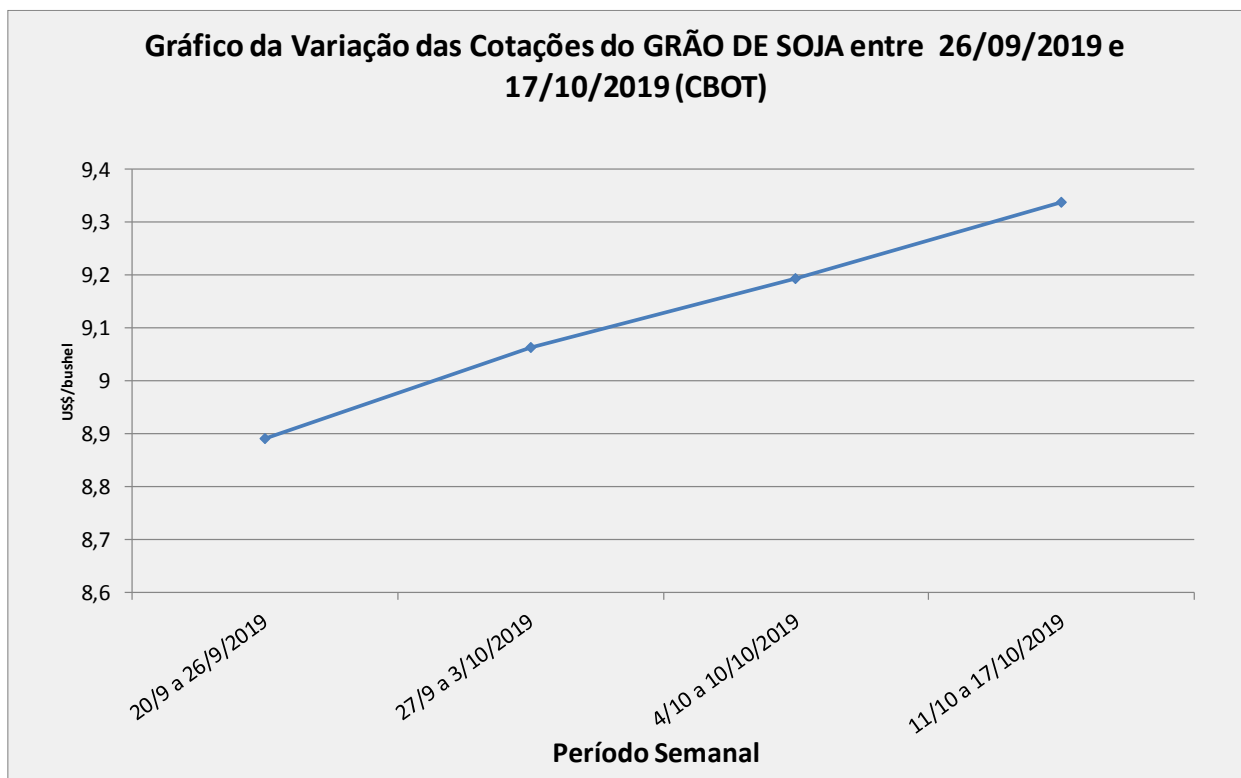
Desta forma, o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 78,45/saco, voltando a se aproximar dos valores nominais praticados no ano passado, nesta época (em meados de outubro de 2018 o balcão gaúcho praticava o preço de R\$ 79,06/saco). Quanto aos lotes, o mercado gaúcho registrou valores entre R\$ 85,50 e R\$ 86,50/saco. Nas demais praças nacionais os preços médios dos lotes oscilaram da seguinte forma: R\$ 86,00 no centro e norte do Paraná; R\$ 84,50 no oeste paranaense; R\$ 75,00 em Sorriso (MT); R\$ 78,00 em São Gabriel (MS); R\$ 79,50 em Goiatuba (GO); R\$ 86,00 em Campos Novos (SC); R\$ 77,00 em Pedro Afonso (TO); e R\$ 79,50/saco em Uruçuí (PI).

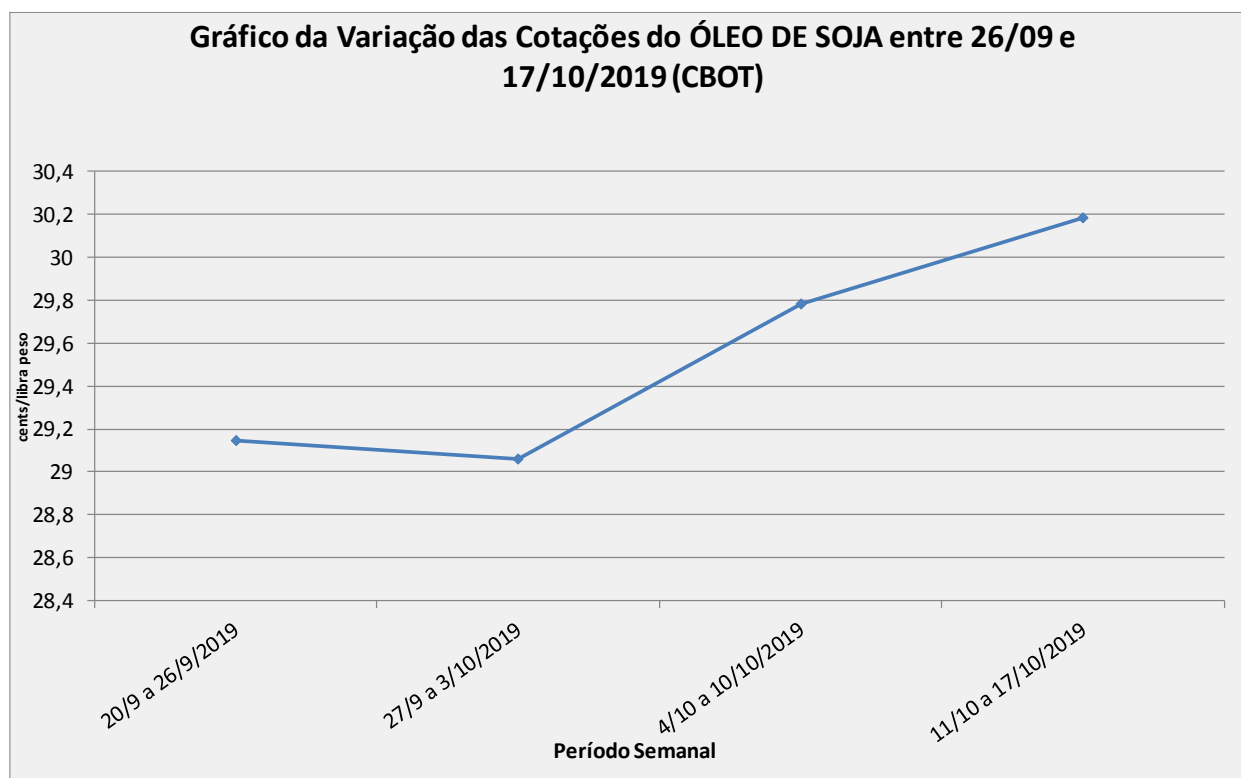
No ano passado, nesta época, quem sustentava os preços internos da soja era o prêmio, que oscilava entre US\$ 2,28 e US\$ 2,67/bushel (na média, 219,4% acima do que está sendo praticado na atualidade), já que o bushel em Chicago valia US\$ 8,85 (4,8% mais baixo do que hoje) e o câmbio era de R\$ 3,70 por dólar, ou seja, 12,4% mais valorizado do que hoje.

Enquanto isso, o plantio da nova safra de soja brasileira atingia a 9% da área esperada até o dia 11/10, contra 11% na média histórica. O Paraná havia semeado 25% da área, contra 32% na média; Mato Grosso 16%, ficando dentro da média; Mato Grosso do Sul 7%, contra 17% na média; Goiás 6%, contra 5% na média; São Paulo e Minas Gerais 4%, contra 3% e 2% na média respectivamente. Os demais Estados produtores não registravam, ainda, estatísticas a respeito. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, a projeção de safra na América do Sul, para 2019/20, alcança 194 milhões de toneladas, contra 189 milhões no ano anterior e 174 milhões dois anos atrás. Do total regional projetado, o Brasil contribuiria com 125,7 milhões, a Argentina com 53 milhões, o Paraguai com 10,2 milhões, a Bolívia com 2,9 milhões e o Uruguai com 2,2 milhões de toneladas. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 26/09/2019 a 17/10/2019.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, ensaiaram romper o teto dos US\$ 4,00/bushel mais uma vez, porém, acabaram recuando no transcorrer da semana, mas ainda assim ficando acima do encerramento da semana anterior. Sem influência expressiva do acordo entre EUA e China, o mercado se voltou para a colheita do cereal nos EUA. Com isso, o fechamento desta quinta-feira (17) ficou em US\$ 3,94/bushel, contra US\$ 3,80 uma semana antes.

A evolução da colheita estadunidense, até o dia 13/10, indicava uma área de 22% colhida em relação ao total esperado. A média histórica para esta época do ano é de 36%, o que confirma o atraso da mesma. Já as condições das lavouras a serem ainda colhidas indicavam 55% entre boas a excelentes, 30% regulares e 15% entre ruins a muito ruins, com leve piora em relação a semana anterior.

Por outro lado, o mercado respondeu negativamente ao anúncio de uma nova fórmula do governo estadunidense em relação a política de biocombustíveis, na qual o milho entra significativamente. Os produtores consideraram prejudicial à demanda a proposta da Agência de Proteção Ambiental de expandir o número de isenções às refinarias menores.

Dito isso, na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB de milho fechou a semana na média de US\$ 154,00 e US\$ 120,00 respectivamente.

E no Brasil, os preços continuaram em elevação, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 33,36/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 41,00 e R\$ 42,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 26,50 em Campo

Novo do Parecis (MT) e R\$ 43,00/saco em Itanhandu (MG), passando por R\$ 41,00 em Videira e Concórdia (SC).

A semana iniciou com o produtor sem interesse de venda do milho safrinha, especialmente no Sudeste do país. Diante de estoques reduzidos, os consumidores passaram a indicar preços mais elevados.

Ao mesmo tempo, o plantio da safra de verão, apesar do retorno das chuvas em regiões produtoras, ainda enfrenta dificuldades, enquanto o câmbio, novamente na casa dos R\$ 4,16 por dólar, continuou estimulando as exportações.

Neste contexto, o referencial Campinas, que iniciou a semana entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco no CIF disponível, bateu em R\$ 45,00 no final da semana. Este preço serve de balizador para o contrato de novembro na BM&F. No interior paulista o mercado trabalhou com valores entre R\$ 38,00 e R\$ 40,00/saco, e mesmo assim as ofertas são pequenas. Assim, enquanto as condições climáticas não se regularizarem para a semeadura da safra de verão, especialmente no Sudeste, o mercado interno continuará com viés altista.

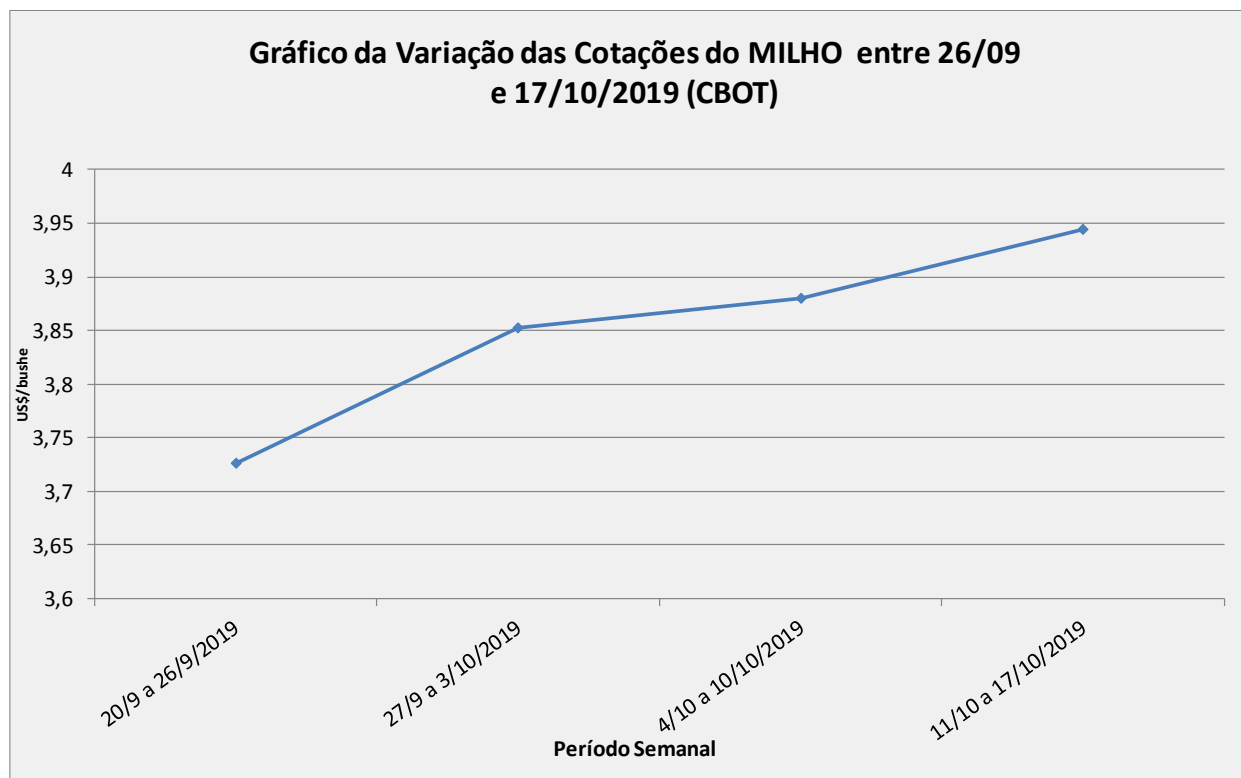
Na exportação, o mês de outubro já tem programação de embarques que atinge a 5,5 milhões de toneladas. Este fato, juntamente com o câmbio, sustenta os preços nos portos. É bom lembrar que algumas tradings precisam comprar milho, mesmo a estes preços, a fim de cumprirem contratos de embarque programados anteriormente.

A semana terminou com o mercado brasileiro do milho sendo influenciado pela decisão de venda dos produtores, a qual está reduzida. Com isso, os consumidores se mantêm pressionados, diante de estoques menores, esperando que o regime de chuvas volte ao normal para acelerar o plantio da safra de verão. O quadro geral continua sendo de muita preocupação quanto a disponibilidade de milho para o primeiro quadrimestre de 2020 caso os atuais fatores de exportação, câmbio e clima no país persistirem. (cf. Safras & Mercado)

Vale ainda lembrar que o ritmo de exportações pode diminuir na medida em que os preços internos continuarem subindo e o câmbio se mantenha nestes níveis ou ainda ocorra uma valorização do Real. Em isso acontecendo, será melhor vender no mercado interno do que exportar o cereal.

Enfim, o plantio da nova safra de verão de milho atingia, até o dia 11/10, um total de 41% da área esperada, contra 46% no ano passado na mesma época. O Rio Grande do Sul já havia semeado, até aquela data, 73% de sua área (contra 76% um ano antes), o Paraná 63% (contra 68%), Santa Catarina 58% (contra 56%), São Paulo apenas 19% (contra 40% no ano anterior), Mato Grosso do Sul 8% (contra 20%), Goiás/DF 6% (contra 12% um ano antes); Minas Gerais 1% (contra 11% no ano anterior). (cf. Safras & Mercado) Assim, o atraso pela falta de chuvas efetivamente se concentra no Sudeste e Centro-Oeste do país.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 26/09/2019 a 17/10/2019.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo romperam definitivamente o teto dos US\$ 5,00/bushel durante a semana, chegando a US\$ 5,13 no dia 16/10, valor que não era visto desde o dia 12/07 passado, considerando o primeiro mês cotado. Posteriormente, o mercado continuou subindo e fechou a quinta-feira (17) ficou em US\$ 5,25/bushel, contra US\$ 4,93 uma semana antes.

O mercado esteve sustentado pelo otimismo em torno das negociações entre EUA e China e pelo clima desfavorável nas regiões produtoras do cereal nos EUA. Neste último caso, uma onda de frio nas Planícies produtoras estadunidenses pode prejudicar as lavouras semeadas.

Neste sentido, até o dia 13/10, a semeadura de trigo de inverno atingia a 65% da área esperada, ficando exatamente dentro da média histórica. Já a colheita das lavouras de trigo de primavera alcançava a 94% na mesma data, sendo que pela média histórica a mesma deveria estar concluída.

Por outro lado, as inspeções de exportação de trigo por parte dos EUA, na semana encerrada em 10/10, atingiram a 462.651 toneladas, ficando pouco acima do que o mercado esperava.

No Mercosul, a tonelada FOB, na compra, girou entre US\$ 180,00 e US\$ 210,00, enquanto o produto argentino da safra nova permaneceu em US\$ 179,00.

Já no Brasil, os preços do trigo continuaram com viés de baixa, diante da entrada da nova safra através da colheita paranaense. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 38,96/saco, enquanto os lotes registraram R\$ 42,60/saco. No Paraná, o balcão ficou em R\$ 45,00, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 50,00 e R\$ 51,00/saco. Enfim, em Santa Catarina o balcão se manteve em R\$ 42,00, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, fecharam a semana em R\$ 46,50/saco.

O mercado continuou lento no país, devido as expectativas em relação ao real volume que será colhido. Sabe-se que há quebras importantes de safra no Paraná, e também alguma situação deste tipo em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, embora em bem menor escala. Além disso, as chuvas da corrente semana frearam o início da colheita no Estado gaúcho. Até então 1% da área local havia sido colhida. A associação de clima muito quente e umidade, em parte desta semana, coloca as lavouras gaúchas a mercê de pragas.

Apesar do recuo nos preços diante da pressão da colheita, a qual atinge a praticamente 80% da área no Paraná, os produtores esperam uma recuperação nos valores do cereal caso as quebras de safra se mostrem consistentes. Além disso, a manutenção de um Real bastante desvalorizado, há semanas acima de R\$ 4,00 por dólar, continua a manter caras as importações.

Dito isso, os moinhos se mantêm abastecidos no Rio Grande do Sul, enquanto já se nota compra de trigo gaúcho por parte dos moinhos paranaenses, o que confirma que a perda em volume e qualidade, na safra do Paraná, é importante.

A produção de trigo brasileira nesta safra não deverá ser muito diferente da registrada no ano passado. Analistas privados colocam, neste momento, um volume de 5,57 milhões de toneladas, sujeito ainda a reduções, contra 5,24 milhões no ano anterior. Diante disso, as importações brasileiras de trigo, para 2019/20, devem ficar entre 6,5 e 7,5 milhões de toneladas. A relação estoque/consumo ficaria em 16%, considerada normal para os padrões médios nacionais. Já no Mercosul a produção total deverá atingir a 27,8 milhões de toneladas, ganhando um milhão sobre o ano anterior. As exportações totais somariam 15,4 milhões de toneladas, volume que pode abastecer facilmente as necessidades brasileiras. (cf. Safras & Mercado) Esta realidade, dependendo do câmbio a ser praticado no Brasil nos próximos meses, pode ser um forte elemento que impeça a elevação dos preços do cereal nacional para além dos níveis praticados neste último ano comercial (balcão entre R\$ 40,00 e R\$ 41,00/saco no Rio Grande do Sul).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 26/09/2019 a 17/10/2019.

